

VICTOR KLEMPERER: UMA TESTEMUNHA OCULAR

Juliana Aparecida Lavezo¹ 

Resumo: O presente artigo busca analisar a vida e obra de Victor Klemperer, alemão, judeu assimilado convertido ao protestantismo, professor universitário, filólogo e grande estudioso da literatura francesa do século XVIII. Victor Klemperer tinha o hábito de escrever diários desde muito jovem, o que resultou hoje na publicação de seus três diários: seu *Curriculum Vitae*, que aborda a infância e juventude do autor; os diários durante os anos do nazismo, o qual esse artigo tem como base; e, *The lesser evil*, que trata do período pós Segunda Guerra Mundial. Assim como trazemos à discussão uma bibliografia pertinente acerca do gênero biográfico e suas implicações, uma possível “trajetória” que este teria percorrido. Seus escritos contribuem para a literatura de teor testemunhal, uma vez que o filólogo foi alvo de perseguições durante o regime racista de Adolf Hitler e busca relatar brevemente seu cotidiano em seus diários.

Palavras-chave: Victor Klemperer. Biografia. Diários. Nazismo. Testemunho.

VICTOR KLEMPERER: AN EYE WITNESS

Abstract: This article analyzes the life and work of Victor Klemperer, German, assimilated Jew converted to Protestantism, university professor, philologist, and a great scholar of French literature of the 18th century. Victor Klemperer he had been in the habit of writing diaries since he was very young, which resulted in the publication of his three diaries today; his *Curriculum Vitae*, which addresses the author's childhood and youth; the diaries during the years of Nazism, which this article is based on; and, *The lesser evil*, which deals with the post-World War II period. Just as we bring to the discussion a pertinent bibliography about the biographical genre and its implications, a possible “trajectory” that this would have taken. His writings contribute to testimonial literature since the philologist was the target of persecution during Adolf Hitler's racist regime and seeks to briefly report his daily life in his diaries.

Keywords: Victor Klemperer. Biography. Daily. Nazism. A testimony.

VICTOR KLEMPERER: UN TESTIGO OCULAR

Resumen: Este artículo examina la vida y la obra de Victor Klemperer, alemán, judío asimilado convertido al protestantismo, profesor universitario, filólogo y gran estudioso de la literatura francesa del siglo XVIII. Victor Klemperer tenía el hábito de escribir diarios desde joven, lo que resultó en la publicación actual de sus tres diarios: su *Curriculum Vitae*, que aborda la infancia y juventud del autor; el diario durante los años del nazismo, en el que se basa este artículo; e *The lesser evil*, que se ocupa del período posterior a la Segunda Guerra Mundial. Así como traemos a la discusión una bibliografía pertinente sobre el género biográfico y sus implicaciones, una posible “trayectoria” que Victor habría seguido. Sus escritos contribuyen al contenido de la literatura testimonial, que también se discute aquí, ya que el filólogo fue perseguido durante el régimen racista de Adolf Hitler y buscó relatar brevemente su vida cotidiana en sus diarios.

Palabras-clave: Victor Klemperer, Biografía, Diarios, Nazismo, Testimonio.

¹ Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora do grupo de pesquisa História e Memória dos judeus: entre dois cataclismos. Atualmente é professora de história da rede pública e particular de ensino.

VICTOR KLEMPERER: UN TÉMOIN OCULAIRE

Résumé: Cet article cherche à analyser la vie et l'œuvre de Victor Klemperer, Allemand, Juif assimilé converti au protestantisme, professeur d'université, philologue et grand érudit de littérature française du XVIIIe siècle. Klemperer écrivait des journaux intimes depuis très jeune, ce qui a abouti à la publication de ses trois journaux intimes aujourd'hui: son *Curriculum Vitae*, qui traite de sa jeunesse; les journaux intimes pendant les années du nazisme, sur lesquels cet article est basé; et *The lesser evil*, qui traite de l'après-Seconde Guerre mondiale. De plus, nous apportons à la discussion une bibliographie pertinente sur le genre biographique et ses implications, une "trajectoire" possible que cela aurait prise. Ses écrits contribuent à la littérature de témoignages, car le philologue est la cible de persécutions pendant le régime raciste d'Hitler et cherche à rendre compte de sa vie quotidienne dans ses journaux intimes.

Mots-clés: Victor Klemperer. Biographie. Journaux intimes. Nazisme. Témoignage.

Introdução

A biografia foi vista, durante muito tempo, como modelo de história tradicional, que se pautava na história dos grandes feitos, dos heróis singulares, sempre mais preocupada com os acontecimentos do que com as grandes estruturas socioeconômicas, políticas e culturais (SCHMIDT, 2000, p. 49). Ela se apresentou como uma espécie de louvor aos grandes personagens e, em outros momentos, buscou minimizá-los. No entanto, temos observado o "retorno" da biografia ao gosto do público não especializado e também ao gosto de historiadores, interessados em compreender a história individual. Certo *voyeurismo*, talvez, já que a história da vida privada sempre foi alvo de especulações, fazendo com que algumas verdades e mitos sejam postumamente desvendados, legitimados e expostos a um grande público ávido pelo assunto. Ela foi alvo de críticas de historiadores preocupados com o risco do abandono da "história-problema", para o retorno a uma história cronológica, pautada em uma conceituação frágil.

Atualmente, é grande o número de publicações de cunho biográfico, sejam estas biografias, autobiografias ou diários íntimos. É comum vermos tais obras tornarem-se *best-sellers* e ocuparem lugares privilegiados nas livrarias. Tal fato se dá pelo interesse cada vez maior dos leitores pela vida do outro, seja alguém famoso ou uma "pessoa comum" (SCHMIDT, 2000, p. 52). Nesse sentido, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), acentuou-se o número de publicações como diários, cartas e autobiografias daqueles que sobreviveram a guerra e buscaram relatar suas experiências.

Durante esse período, um importante intelectual publicou seus escritos que, mais tarde, se tornariam obras significativas para a historiografia. Victor Klemperer destacou-se na literatura mundial por ser um importante filólogo e romancista, e também por ter publicado suas memórias vividas durante o período nazista na Alemanha. Seus escritos

autobiográficos, divididos em três partes, destacados abaixo, foram utilizados como fontes para compreender um pouco de sua trajetória. Viveu e trabalhou em Dresden, onde lecionou na Escola Técnica Superior, ocupou a cátedra de Letras Latinas até ser destituído de seu cargo em 1935 por meio da Lei pela Proteção e Honra do Sangue Alemão, que proibia quaisquer relações entre judeus e não judeus e retirava a cidadania alemã dos judeus. Hitler anunciou tais medidas no dia 15 de setembro de 1935, em uma sessão do Reichstag, convocada e realizada pela Associação Cultural de Nuremberg (REES, 2018, p. 80).

Klemperer dedicou-se por completo aos seus escritos diários, escrevendo e anotando suas vivências e impressões quase cotidianamente. Destes escritos, uma nova ideia surgiu: analisar a linguagem nazista e a forma como ela manipulava as pessoas durante a vigência do partido na Alemanha.

Assim sendo, a obra de Klemperer se revela singular. Diferentemente de outras obras de caráter autobiográfico, como os *Diários de Anne Frank* e os escritos de *Primo Levi*, narrados por pessoas que passaram pela experiência dos campos de concentração, os diários de Victor Klemperer são escritos por um autor que não foi enviado para o campo e tampouco deixou a Alemanha. Nota-se sua peculiaridade: ele foi um intelectual judeu vivendo na Alemanha em um período sombrio e catastrófico.

O objetivo deste artigo, portanto, é, para além de mostrar uma vida, também contribuir para os estudos da *Shoah*, principalmente no Brasil, em que ainda se fazem necessárias pesquisas nesta área². Klemperer sabia que seus diários teriam uma função didática, ou seja, queria mostrar para a posteridade o que viveu e, mais ainda, desvelar o ambiente em que o antissemitismo germinou e deu frutos.

É, afinal de contas, o objetivo mais importante do gênero biográfico: ele é um meio de se compreender a ligação passado e presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade (LEVILLAIN, 2003, p. 176). A biografia hoje pode apontar diferenças, captar realidades, revelar constantes através de uma vida: “tudo irá depender do nível significativo do personagem. E é certo que quanto menos ele se situar entre os protagonistas da história, mais o ensinamento tem chance de ser rico” (LEVILLAIN, 2003, p. 175).

² De acordo com Danziger (2007), o termo *Shoah* significa catástrofe ou devastação, em hebraico, por sua vez, a palavra catástrofe pode ser entendida como “virada para baixo”, o fim decorrente da ação trágica. A expressão começou a ser utilizada na Palestina durante os anos de guerra quando apareceram os primeiros relatos dos massacres ocorridos na Europa. Buscamos usar tal palavra por estar mais próxima ao que o povo judeu compreende como apropriado, visto que o significado original de holocausto é “oferta sacrificial” e a morte dos judeus não foi uma oferta.

O gênero biográfico: do passado ao presente

Há uma série de fenômenos contemporâneos que buscam evidenciar a vida privada, desde *reality shows* às revistas no estilo “Caras”, documentários e filmes biográficos que revelam a vida de pessoas - famosas ou não. Porém, a biografia não se trata de um gênero recente, remontando à Antiguidade Clássica, na qual se distinguia da história, dita verdadeira. Hoje, acadêmicos, historiadores e jornalistas se debruçam na tarefa de escrever vidas.

Encontramos algumas problemáticas quando nos referimos à biografia, como, por exemplo, se ela possuiria uma história, ou ainda uma trajetória, como frisa Schmidt (2000, p. 57). Ainda assim, apresentamos aqui um breve percurso desse gênero, a fim de observarmos como ele foi se configurando ao longo do tempo.

Na Antiguidade, Políbio se preocupou em separar história e biografia, considerando que os historiadores deveriam evitar a dramatização na narrativa, algo tão comum no teatro trágico (LORIGA, 1998, p. 228). Nessa tentativa de diferenciar a História e a biografia, Levillain menciona: “História e biografia divergiam aliás para os gregos em seu próprio modo de expressão: narrativo para a História destinada a mostrar a mudança; descritivo para a biografia dedicada a celebrar ou a estudar a natureza do homem, tarefa que a História de bom grado lhe deixava” (LEVILLAIN, 2003, p. 145).

A biografia manteve-se atrelada a narrar eventos individuais enquanto a história buscava a narrativa dos acontecimentos. Ainda no mundo antigo, a biografia seria o discurso das virtudes e serviu como modelo moral edificante, que exercia a função de educar e transmitir valores às gerações futuras.

Durante a Idade Média, surgiu a hagiografia, a escrita da vida dos santos. É o discurso das virtudes, que se aproxima do maravilhoso e do extraordinário, mas apenas enquanto esses são signos. Para Dosse (2009, p. 137), a hagiografia privilegiou as encarnações humanas do sagrado e buscou torná-las exemplares ao resto da humanidade. Nesta escrita, a vida dos santos não se referia ao que aconteceu, mas ao que se fez de exemplar no momento de sua redação.

No entanto, algumas mudanças começaram a surgir ao longo dos séculos XII e XV e as hagiografias deram espaço às biografias cavaleirescas, que, em geral, eram obras feitas por encomenda, que tentavam celebrar as proezas militares e um estado de espírito dos cavaleiros, revelando suas histórias por meio de carreiras singulares e exemplares: “essas biografias revelam a implantação progressiva de um individualismo

que irrompe numa sociedade ainda estruturada, basicamente, por instituições fortes, de rituais intangíveis” (DOSSE, 2009, p. 153). A figura do herói, presente na biografia, constitui para Dosse uma simbolização coletiva e abarca para si os valores da sociedade ou da época. Ela é, portanto, uma resposta, ou ainda, uma representação das virtudes desejadas por determinada sociedade. O herói se cria à luz do seu tempo.

A individualização foi se tornando o cerne das biografias ao passar dos séculos XVI e XVII e o homem passou a ser a somatória de seus atos. A realeza ganhou destaque nas biografias, especialmente o rei. Porém, com o Iluminismo do século XVIII, o herói deu espaço a uma outra noção criada nesse período: a do grande homem. Após 1789, a paixão revolucionária alimentou o culto do antigo herói e o revitalizou, vestindo-o com uma roupagem nova (DOSSE, 2009, p. 161). Essa roupagem era fruto dos anseios da Revolução, pois esta apresentava-se como prolongamento da vontade do povo, logo, o retorno do herói não seria a mesma figura de antes.

Ao longo do século XIX, a biografia e a História se distanciaram, sofrendo, assim, influência das ciências sociais emergentes. Deste modo, o herói presente nas biografias reforçava características nacionalistas, a partir da exaltação da coragem em combates e da disposição do sacrifício por uma República, ainda às voltas com a guerra:

Se o século XIX aparece às vezes como a idade de ouro da biografia, isso acontece porque nos esquecemos de que ele é, acima de tudo, o século da história. A biografia não passa de um parente pobre, de um gênero menor, desdenhado e relegado a alguns polígrafos sem prestígio intelectual. Vê-se isso desde o começo do século, antes mesmo da profissionalização do ofício de historiador, que só ocorre de fato a partir dos anos 1880. O gênero biográfico é repudiado pelos historiadores liberais e românticos já nos anos da Restauração (1815-1830). (DOSSE, 2009, p. 172)

Por influência das ciências humanas, a biografia foi reduzida ao caráter de historieta no decorrer do século XIX, do relato puramente anedótico, com a finalidade apenas de entreter.

Com o surgimento da *Revista dos Annales*, na década de 1920, que mais tarde se tornou escola, Lucien Febvre e Marc Bloch assimilaram o programa durkheimiano, adaptando-o ao território do historiador:

Os princípios durkheimianos têm por base uma ontologia social. O que essa sociologia tenta esclarecer é um certo número de leis intangíveis e causalidades fortes para demonstrar a legitimidade e a eficácia dessa nova disciplina tida como ciência independente. A partir desses princípios, a variedade humana, individual, deixa de ter pertinência e torna-se mesmo aquilo de que as ciências sociais devem se precaver (DOSSE, 2009, p. 198).

A partir dos anos de 1930, Marcel Mauss junto a Janet e Piaget, buscaram a ciência exata do indivíduo. Dessa forma, Mauss partilha o ponto de vista de Durkheim sobre um modo de individuação resultante apenas da natureza cada vez mais complexa da sociedade (DOSSE, 2009, p. 198). Ele elabora a noção do “eu” e de “pessoa” enquanto sociólogo e coloca à parte componentes psicológicos e linguísticos.

Aqui, o gênero biográfico, assim como a história política, fez parte dos sacrifícios do altar da ciência e permaneceu durante um longo período, pois a biografia oscilava na revista durante os anos de 1929 a 1976 entre 0% e 0,7% do conteúdo dos artigos (DOSSE, 2009, p. 199). Marc Bloch e Lucien Febvre não se afastaram tão radicalmente das tentativas biográficas como apresentavam os números da revista. Porém, as últimas declarações de Marc Bloch em 1940, postumamente publicadas em sua obra *A estranha derrota*, em 1946, optam pelos fenômenos de massa e acabam diminuindo o peso do indivíduo na História.

A terceira geração dos Annales, em 1970, triunfou com a história das mentalidades, mas não aproximou os historiadores das lógicas individuais, pois privilegiava os fenômenos estáveis, supostamente estruturais. A história das mentalidades priorizou o caráter impessoal, que regulava as práticas sociais, porém, a oposição entre individual e coletivo resultou em generalizações abusivas por parte dos historiadores em comparação às análises individuais.

Por meio dessa explanação, percebe-se que a biografia passou por algumas transformações ao longo do tempo, quer seja em relação ao conteúdo, ao sujeito biografado – de heróis e “grandes homens” a “gente miúda” –, quer seja na posição em que ocupou enquanto literatura, detentora ou não de uma verdade histórica, vista como a *história magistrae vitae* ou, ainda, relegada simplesmente à apropriação inadequada da exposição de alguns personagens:

Estuda-se através de uma vida com vistas a enxergar mais longe, mais profundo, mais densamente, de maneira mais complexa, ou porque o estudo desta vida permite enxergar a vida social em sua dinamicidade própria, não excluindo os seus aspectos caóticos e contraditórios (BARROS, 2004, p. 191).

Das problemáticas da biografia: limites e possibilidades

A biografia, além de ser um meio para se estudar a sociedade e também para se aprofundar e conhecer a vida de um indivíduo, possui um caráter pedagógico, na medida em que apresenta os “erros” e os “acertos” de uma vida.

Schmidt (1997, p. 15) tece uma crítica no que diz respeito à narrativa quando se propõe a escrever uma biografia. É uma prática costumeira e, em sua opinião, inapropriada, de utilizar o panorama sócio-político como um capítulo à parte na biografia, como se esse fosse um recheio do trabalho, algo dissociado do texto. Tal panorama social se apresentaria, portanto, como pano de fundo para a história do indivíduo, desvinculando-se deste, tornando-se algo apartado ou ainda que devesse ser analisado desfocado do sujeito biografado, o que, de fato, não acontece na “vida real”.

É importante frisar que os personagens biografados hoje não são apenas os “grandes homens” da História, mas também a “gente miúda”, as pessoas comuns, subalternas (SCHMIDT, 1997, p. 4). Para além de realizar um estudo tradicional, sobre feitos notáveis das personagens e sua vida pública, vemos biógrafos que vão além – buscam facetas diferenciadas dessas vidas –, como o inconsciente, os sentimentos, a cultura, a dimensão privada e o cotidiano.

A biografia foi alvo de críticas de historiadores preocupados com o risco do abandono da “história-problema” para o retorno de uma história cronológica, baseada em uma conceituação frágil (LORIGA, 1998, p. 226). De acordo com Loriga, os historiadores sociais, descontentes com as categorias interpretativas estruturalistas, que buscavam uma explicação em uma dimensão coletiva, foram, aos poucos, refletindo sobre os destinos individuais.

Assim como a ideia de contexto, já comentada, Bourdieu (2006, p. 183) atenta para outro fator importante que remete a uma suposta linearidade ao expor uma vida, como se esta fosse uma sequência de fatos desencadeados e escritos como um caminho, uma estrada. A ilusão biográfica, como Bourdieu (2006, p. 183) irá cunhar o termo, é a disposição de fatos em sentido linear, cronológico, criando a ideia de vida determinada, que resultaria no depois. Por isso, às vezes encontramos nas biografias frases ou termos de efeito, como “desde pequeno” ou “sempre”, que nos transmite uma noção determinista, como se o indivíduo biografado já nascesse predestinado àquilo.

Bourdieu reitera que a vida não tem uma história, o futuro é algo incerto e não possui um caráter determinável. Quantos projetos interrompidos ou inacabados fazem parte de um homem? De quantas incoerências se constituem uma vida? Quantas histórias atravessam uma vida sem necessariamente convergirem para um mesmo fim? E quantas vezes tais indagações são aparadas ou mesmo esquecidas pelos biógrafos ao escrever uma vida? Uma vida não se trata de um conjunto coerente e organizado, não apresentará lógica do início ao fim. Não se tem uma ordem lógica do tempo.

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar (BOURDIEU, 2006, p. 185).

Ele ainda ressalta que o biógrafo é cúmplice dessa ilusão. Escrever uma vida de forma coerente, linear, com fatos cronologicamente coesos, desperta o interesse do público e facilita a venda da obra.

Para Bourdieu (2006, p. 187), é no nome próprio que está a identificação da noção de indivíduo: o nome, pessoal e privado, é o elemento de distinção do sujeito social. Além de seu uso significativo, não pode veicular nenhuma informação sobre aquilo que nomeia. É por este motivo que Bourdieu (2006, p. 187) ressalta que ele só pode atestar a identidade da personalidade, “como uma individualidade socialmente constituída [...] o que evoca o uso habitual que Proust faz do nome próprio precedido do artigo definido (‘a Albertina de então’ ou ‘a Albertina encapotada dos dias de chuva’)” (BOURDIEU, 2006, p. 187).

Quanto à narrativa biográfica, Borges (2005) assinala que a maior objetividade só pode ser garantida por meio do trabalho sério do historiador e com sua pesquisa de provas documentais e, especialmente, pelo questionamento e pela contraposição da própria documentação. Ainda, para a mesma autora, os fatos passam por uma seleção permanente de tudo aquilo que nos parece significativo, incluindo o que é percebido na trajetória pessoal: fatos políticos, econômicos, culturais, entre outros, desde que tenham marcado sua própria vida. É também de particular relevância as incertezas intuídas, as possibilidades perdidas presentes na biografia: “a sensibilidade e a intuição do historiador são muito importantes a fim de aproveitar ausências e vazios com os quais ele depara em seu trabalho de pesquisa para também interpretá-los” (BORGES, 2005, p. 221).

É um desafio para o historiador biógrafo trabalhar com uma cronologia linear, uma vez que uma vida não é assim. Esta é, recorrentemente, cheia de altos e baixos, percalços e, portanto, não segue um roteiro pré-definido:

Uma cronologia linear realmente existe em nossas vidas (nasci, fui crescendo etc., cotidianamente, acordo, me visto, me alimento etc.), mas também há um embaralhar contínuo e constante em nossa mente, pois enquanto me lavo no chuveiro, lembro-me de minha infância, de ontem à noite, penso no que farei daqui a pouco, temo pelo que pode me acontecer daqui a seis meses. (BORGES, 2005, p. 224)

Outro ponto suscitado por Schmidt (1997, p. 18) em relação à elaboração e à publicação das biografias é a questão ética. Até que ponto nós, historiadores e estudiosos, estaríamos autorizados a expor segredos ou explicitar as mazelas de nossos biografados? Podemos nos apropriar da imagem dessa(s) pessoa(s)?

Muitas famílias de figuras retratadas em biografias acabaram por entrar em disputas judiciais com escritores por alegarem não terem sido consultadas ou não terem autorizado a publicação da obra de seu familiar. É o caso das filhas do jogador Garrincha com o biógrafo Ruy Castro, que escreveu o livro *Estrela Solitária* (SCHMIDT, 1997, p. 18). Nesse caso, estava sendo violado o direito de imagem, previsto na Constituição, o qual suas filhas detêm.

Alguns trabalhos atuais inovam no sentido de organização da biografia por corte temático, a partir de diferentes aspectos e não de seu desenvolvimento temporal. Buscamos aqui, sob essa perspectiva de organização do gênero biográfico por eixos temáticos, analisar a vida de nossa personagem baseando-se em seus diários, que comentaremos logo abaixo.

Victor Klemperer: vida e obra

É importante ressaltar que as fontes consultadas para a escrita deste texto referem-se aos seus três livros autobiográficos: o primeiro, *Curriculum Vitae* (KLEMPERER, 1996), relata sua vida desde seus primeiros anos, infância, adolescência, até a vida adulta e a entrada na universidade; o segundo, *Os diários de Victor Klemperer: testemunhos clandestinos de um judeu na Alemanha Nazista* (KLEMPERER, 1999) (único publicado em português) aborda seus escritos durante os anos de 1933 a 1945, focando na ascensão e na queda do III Reich; o terceiro e último diário, *So sitze ich denn zwischen allen Stühlen: Tagebücher* (KLEMPERER, 2003), aborda os anos de 1945 a 1959, ou seja, sua vivência na Alemanha dividida no pós-guerra³.

Nascido a 9 de outubro de 1881, em Landsberg, na Alemanha, Victor Klemperer era filho de um casal de primos, Wilhelm Klemperer e de Henriette Klemperer (nascida Franke). Seu pai era doutor e também rabino e Klemperer era de uma família de nove irmãos. Alemão, judeu e convertido ao luteranismo quando jovem, casou-se com Eva

³ Estamos utilizando a versão em inglês para o terceiro diário, com o título: *The Lesser Evil: The Diaries of Victor Klemperer (1945-1959)*.

Klemperer, uma pianista não-judia, fato que o fizera escapar da ira nazista inúmeras vezes. Faleceu em Dresden em 11 de fevereiro de 1960.

O pai de Klemperer viveu em uma fase do século XIX que se caracterizou por ser uma linha de corte na emancipação judaica, associada ao pensamento do poeta judeu alemão Heinrich Heine (1797-1856). Wilhelm Klemperer fora rabino em Landsberg até 1884 e em Bromberg até 1890, ano em que assumiu o cargo de segundo pregador da Congregação Judaica Reformista de Berlim, cidade que a família⁴ viveria a partir de então (OELSNER, 2002, p. 23)⁵. Na mesma época, os irmãos de Victor, Georg e Felix concluíam seu curso de medicina em Berlim, sendo Georg médico residente do hospital *Charité*. Enxergava nestes irmãos grandes exemplos e os denominava de “*die Grossen*” (os grandes), e exerceram forte influência em sua formação.

Enquanto filólogo, Klemperer ocupou o cargo de professor titular na Escola Técnica Superior de Dresden até 1935, ano que foi destituído de seu cargo. Foi autor de várias obras, das quais destacam-se: *LTI Lingua Tertii Imperii* (A linguagem do Terceiro Reich), publicada no Brasil em 2009, trabalho singular para o estudo do Nazismo, no qual analisa a linguagem nazista, e *Geschichte der französischen Literatur im 18. Jahrhundert: Das Jahrhundert Voltaires* (História da Literatura Francesa do século XVIII: o século de Voltaire), publicado na Alemanha em 1954⁶. Sobressai-se mundialmente por ser um grande estudioso sobre a literatura francesa, tendo publicado várias pesquisas sobre a temática. Em 1995, sua obra *LTI* recebeu o prêmio de literatura alemã *Geschwister Scholl*.

No ano de 1925, Victor Klemperer realizou uma viagem ao Brasil, onde visitou o Rio de Janeiro e anotou impressões em seu diário íntimo. Teceu algumas de suas observações, notou a vegetação, a baía e toda a natureza exuberante característica da

⁴ O primeiro filho do casal, nascido em 1863, morreu em Landsberg em 1868.

⁵ O Movimento Judaico Reformista teve início na Alemanha em 1801 com a criação de escolas seculares, sob influência da emancipação na Europa e permaneceu neste formato até a ascensão de Hitler ao poder, em 1933. Deve-se a Moses Mendelssohn (1729-1786), filósofo judeu alemão, a popularização do conceito nesse período. Foi responsável também pelo desenvolvimento cultural do judaísmo naquela época. Mendelssohn mantinha correspondência com Kant, e defendeu o pensamento ateu de Lessing. O Movimento Judaico Reformista caracterizava-se por introduzir as orações e prédicas no vernáculo, e a música de órgão durante as cerimônias religiosas. Não era necessário cobrir a cabeça durante os ritos (Hamburgo, 1817). Nos anos seguintes, os rabinos Aaron Chorin, Abraham Geiger, Samuel Holdheim e Leopold Löw criaram o que denominaram de pensamento desenvolvimentista no judaísmo. A sinagoga reformista instituída em Berlim em 1845 por Samuel Holdheim e Joseph Lehmann diferenciava-se das congregações liberais pela introdução do serviço religioso dominical e pela exclusão quase total do hebraico. Revisão constante do judaísmo e alemanismo, reforçada pelo antijudaísmo sempre presente, fortaleceram o sentimento de patriotismo e a negação do sentimento sionista, a eliminação de todos os pontos de invocação de retorno a Sião, até 1933.

⁶ O livro *Lingua Tertii Imperii*, conhecido popularmente como *LTI*, é uma paródia que Klemperer faz em razão à típica mania do uso de siglas pelo regime nazista.

cidade. Mencionou também o Corcovado e o Pão de Açúcar, o mais puro café que provou e as ruas largas e prédios esplêndidos (ARON, 1998, p. 41). E, mesmo diante de toda essa beleza, conseguiu perceber as desigualdades sociais que já existiam, ao ver mansões luxuosas mescladas na paisagem urbana com as favelas.

Um leitor principiante, ao ler seus diários pela primeira vez e ao ter contato com um pouco de seu cotidiano, perceberá em Klemperer um homem culto, de boa formação e espírito crítico aguçado, fruto das relações familiares e do próprio ambiente familiar em si. As pesquisas sobre os autores franceses, a formação filosófico-acadêmica de seu pai, assim como a de rabino da comunidade judaica reformista, e também a formação profissional dos irmãos, influenciaram-no diretamente e o resultado é esse lado opositor crítico do nazismo.

O fato de não ter sido enviado a um campo de concentração, e também de não ter emigrado, faz com que o estudo de sua vida seja tão precioso para a historiografia da *Shoah*. Desse modo, temos em seus diários as análises sobre o cotidiano na Alemanha Nazista, seu ponto de vista sobre os acontecimentos, suas críticas e também muito do que aconteceu com os judeus – perseguições, confisco de bens, humilhações em público, entre outras coisas.

Em sua obra *Curriculum Vitae*, Klemperer mencionou que sua mãe tinha boa formação escolar, fruto do empenho da avó viúva. O pai de Klemperer não se interessava pelo estudo das filhas. Na juventude, Klemperer sentia-se oprimido pelos irmãos mais velhos, pois era filho temporão em uma família de sete irmãos. Desde o início da carreira, seu irmão Georg tornou-se um grande cirurgião e ele, juntamente com toda sua família, abandonou a Alemanha logo no começo do nazismo e mudou-se para Boston, onde veio a falecer em 1947, aos 82 anos. Klemperer e o outro irmão, Felix, advogado como Berthold, converteram-se ao protestantismo e se casaram com mulheres não-júdas. Berthold faleceu em 1931 e Felix, em 1932.

De todas as irmãs, era mais próximo de Wally, a caçula entre as meninas. Nascida após ele, ela morreu em 1937 e seu marido, Dr. Martin Sussmann, médico, mudou-se para Estocolmo no ano seguinte da morte da esposa, falecendo seis anos depois. Com sua outra irmã, Grete, inicia uma grande amizade durante a adolescência. Ela iria falecer no ano de 1942, em Berlim, em um sanatório onde esteve internada para tratar de doenças nervosas. Hedwig, que morreu prematuramente, foi casada com Dr. Hermann Machol, morto em um campo de extermínio. Marta emigrou para o Uruguai com seu marido, Dr. Julius Jelski, em 1938.

Foi por influência do irmão Georg que passou a frequentar o Ginásio Francês de Berlim. Lá, teve como colega de classe Julius Bab, que se tornou poeta anos depois. Em seu *Curriculum Vitae*, escreveu sobre a satisfação que sentiu ao passar do Ginásio Francês para a *Obertertia*, porém lembrou o tratamento rude dos professores aos alunos menores e mencionou que sua saída antecipada do ginásio se deu por conta de um mal-entendido entre ele e seu colega de classe, Victor Landau⁷. Mudou-se, então, para outra escola que supunha ser mais fácil e pensou em sair de lá e ser comerciante (OELSNER, 2002, p. 25). Durante os anos de 1897 a 1899, tornou-se aprendiz em um estágio comercial na firma Löwenstein & Hecht, exportadora de bijuterias e miudezas, recebendo o certificado de conclusão no último ano.

Da amizade com o aprendiz Hans Meyerhof conheceu Martin Birnbaum, da área jornalística, e chegou a publicar um pequeno estudo a respeito da tradução de Paul Heyse da lírica italiana no jornal “*Boten vom Gardasee*”. De acordo com Oelsner, “Hans tenta ser agente literário de Klemperer e procura publicar algumas matérias suas sob o pseudônimo Fritz Victor, sem sucesso.” (OELSNER, 2002, p. 26). Durante uma conversa à mesa do almoço, o pai de Klemperer citou uma frase do Talmud em hebraico e Klemperer a traduziu com facilidade: “crês que com um simples lance de mão alcanças as alturas das estrelas? Em teus olhos cairá a areia. Seu brilho não se dissipará”⁸.

Seu pai ficou orgulhoso diante de sua aptidão literária, o que encorajou Victor a externar o desejo de deixar o estágio comercial e retornar aos estudos humanísticos, mas seu irmão, Georg, rejeitou tal decisão, deixando-o deprimido. Mesmo desapontado com a negação do irmão, passou a estudar sozinho na biblioteca de seu pai e, por conta de tantas atividades, ficou doente. Durante a enfermidade, o filho de Georg morreu aos quatro anos de idade, o que abala toda a família. Após o acontecimento trágico, Georg passou a refletir sobre o tratamento que dava ao irmão e decidiu incentivá-lo nos estudos e, em 1900, Klemperer começa o colegial, porém, não obteve boas notas de início (OELSNER, 2002, p. 27). Com o passar do tempo e a melhora nas notas, tornou-se o presidente do Grêmio Estudantil no Ginásio Real, conforme as regras da escola. Neste período Klemperer foi alvo do antissemitismo pela primeira vez.

⁷ *Obertertia* era a denominação dada antigamente à quinta série do ginásio.

⁸ “Glaubst du, der Wurf aus deiner Hand/Kann Sternenhöh erreichen?/Dir in die Augen stiebt der Sand,/Ihr Glanz wird nicht verbleichen”.

Um dos beberrões da turma propõe que a Burschenschaft, nome genérico das agremiações estudantis, deveria enviar um telegrama ao Kaiser pelo seu aniversário em 27 de janeiro de 1902. Como presidente, Klemperer se opõe terminantemente, pois não seria um gesto apropriado da parte de alunos de nível colegial. O colega, que tinha um grupo de alunos articulados a seu favor, retruca que Klemperer, que nem alemão por inteiro era, já que era judeu, não tinha direito a opinar. (OELSNER, 2002, p. 27)

Em 1902, concluiu o colegial e logo após ingressou nos estudos superiores em Munique, na Baviera⁹. Nessa época conheceu o professor Dr. Franz Charitius, que lecionou alemão e grego no Ginásio Real, e também o professor Dr. Karl Vossler¹⁰, que foi seu orientador na obtenção de sua livre docência em Munique no ano de 1914. Os anos de 1902 e 1905 demarcaram o tempo em que Klemperer realizou seus estudos em filosofia, filologia germânica e românica nas cidades de Munique, Genebra, Paris e Berlim (OELSNER, 2002, p. 28).

A opção por estudar, em 1902, em Genebra, adveio de embates entre Klemperer e sua família porque, no momento, ele pretendia ir para Paris, o que a família não julgou pertinente, pois consideravam que ele não estaria apto a enfrentar as “perdições morais” da capital francesa. Conheceu o professor Bernard Bouvier e, pela primeira vez, deparou-se com estudantes mulheres (OELSNER, 2002, p. 29). Para o professor Bernard, estudar literatura francesa não se restringia apenas a Voltaire, mas também Chateaubriand, Victor Hugo e Zola. Klemperer anotou, em seu *Curriculum Vitae* que, mesmo após quarenta anos, continuava considerando a obra de Voltaire uma das mais importantes da literatura mundial.

Era janeiro de 1903, quando Klemperer teve aulas com o professor Dr. Wertheimer, que era grão rabino em Genebra e acostumado a receber estudantes de fora, chegou a convidar Klemperer a morar em sua casa. Klemperer recusou. Mais tarde, em seu *Curriculum*, escreveu sobre esse episódio com certo arrependimento, por ter perdido a oportunidade de ter frequentado de perto o ambiente familiar de Genebra. Relatou que aprendeu muito sobre a quarta edição de Napoleão Bonaparte, mas, no momento em que escreveu seu *Curriculum Vitae*, sentiu-se envergonhado que, aos 44 anos, quando publicou livros sobre Napoleão, pôde tecer elogios a um ditador.

⁹ Percebe algumas diferenças entre a Alemanha prussiana e a Alemanha bávara, dentre as quais, o catolicismo, quase ausente em Berlim. Percebe essa diferença com mais intensidade do que o antissemitismo em si.

¹⁰ Filólogo e crítico literário alemão (1872-1949), entre as suas principais obras estão: Dante; Positivismo e Idealismo na Ciência da Linguagem; Introdução à Literatura Espanhola do Século de Ouro.

Enquanto estava em Genebra, participou de uma reunião de anarquistas. Klemperer anotou alguns discursos que o deixaram desconcertado, como, por exemplo, o assassinato da imperatriz Elisabeth, descrito como um ato heroico pelos participantes da reunião, em legítima defesa dos direitos cidadãos¹¹. Todas essas vivências trouxeram à tona o sentimento de orgulho de ser alemão. Mencionou, até mesmo, que falas como essas eram impossíveis de serem ouvidas em seu país (OELSNER, 2002, p. 30).

Percebeu desde cedo que o antissemitismo não era tão acirrado na Alemanha e viu o protestantismo como sinônimo de alemanidade: “para mim, ser protestante e ser alemão sempre permaneceram conceitos iguais... protestantismo representava de tal forma a maneira alemã de pensar que até mesmo os católicos alemães eram meio protestantes e hereges” (OELSNER, 2002, p. 30)¹².

Em 1903, na residência do pastor Nessler, acompanhado pelo irmão Berthold, Klemperer se converteu ao protestantismo. Respirou aliviado ao sair da casa do pastor, pois sabia que daquele momento em diante teria uma religião “correta”, deixando de ser motivo de piada para as outras pessoas (OELSNER, 2002, p. 31).

Ao retornar a Berlim, Klemperer se alistou no exército real e foi admitido no 36º Regimento de Artilharia e, pôde, assim, manter seus estudos universitários na capital alemã. Queria ser doutor, porém, diante de seu despreparo com o corpo docente, recebeu orientação de Tobler, que o sugeriu escrever sua dissertação sobre Voltaire. Seguiu para a Itália, a fim de realizar algum curso na Universidade de Roma, mas retornou à casa passado um mês.

O amigo Hans o encontrou em Berlim e conseguiu, em 1906, a publicação de um livro de Klemperer com seus contos: *Schwesterchen* (Irmãzinha) e *Glück* (Sorte). Na passagem de seus escritos de sua autobiografia, Klemperer apresentou Ev, ou melhor, Eva Schlemmer, com quem se casou em maio de 1906. Eva era pianista, não-judia, nascida em Königsberg em 12 de julho de 1882. Em sua certidão de casamento, ele declarou ser cidadão de fé mosaica, ou seja, não sentiu mais necessidade de se afirmar como protestante (OELSNER, 2002, p. 32).

¹¹ Elisabeth Amalie Eugenie von Bayern (1837-1898) era a imperatriz da Áustria, esposa do imperador Francisco José I da Áustria. A imperatriz foi assassinada no dia 10 de setembro de 1898 por um anarquista italiano, que a atacou com um fino estilete na região do coração. Ao que tudo indica, o assassino estava disposto a matar qualquer personalidade que se encontrasse na cidade e soube, através de um amigo, da chegada da imperatriz, em Genebra.

¹² “Immer blieben mir deutsch und protestantisch gleiche Begriffe, ...Der Protestantismus sei so sehr die eigentliche Deutsche Denkform, dass selbst die deutschen Katholiken halbe Protestanten und Ketzer seien.”

Em 1913, Klemperer obteve seu doutorado com o professor Dr. Franz Muncker. Em Paris, estudou e se preparou para sua livre-docência sobre Montesquieu, obtida com o professor Dr. Karl Vossler, em 1914. Entre os anos de 1914 e 1915, foi professor leitor na Universidade de Nápoles. No mesmo ano, na conclusão de seu doutoramento, escreveu a tese intitulada *Os antecessores de Friedrich Spielhagen*, sob a orientação de Franz Muncker e Hermann Paul. Após isso, em 1914, enquanto professor visitante na Universidade de Nápoles, publicou *Montesquieu* em dois volumes.

Ele chegou a estender sua estada em Nápoles por conta da saúde de Eva, que nessa época já sofria de depressão nervosa. Aliás, sua doença foi um dos motivos que o fez optar por permanecer na Alemanha durante os anos da guerra (OELSNER, 2002, p. 33). Dentre outros motivos estavam sua inaptidão em lecionar história da literatura francesa em outro idioma que não fosse o alemão e o apego que os dois tinham com a casa que construíram em Dölzchen: “porque sou um filólogo de línguas modernas que não fala nenhuma língua estrangeira. Meu francês está totalmente enferrujado, tenho medo de escrever ou falar uma simples linha que seja. Meu italiano nunca foi grande coisa. E meu espanhol, então. Não sei nada de útil” (KLEMPERER, 1999, p. 112).

Quando se tornou professor titular na Escola Técnica Superior de Dresden, em 1920, publicou *Introdução ao francês medieval: do século XIII ao século XVII. Prosa francesa moderna: 1870-1920*, foi publicada em 1923 e, um ano após, publicou *Literaturas românicas: do Renascimento à Revolução Francesa*. De 1925 a 1931 publicou sua obra *Literatura francesa: de Napoleão à época contemporânea* em cinco volumes, a mesma obra foi reeditada em 1956 com o título *História da literatura francesa nos séculos XIX e XX*. Nos anos correspondentes a 1926, 1928 e 1929 publicou, consecutivamente, *Especialidade românica – estudos filosóficos*; *Literaturas românicas – léxico da história da literatura* e a *História idealista da literatura – estudos básicos e aplicados*.

Ele pensou que, por portar a medalha de mérito em razão de ter estado no *front* durante alguns meses de 1915 e 1916 na Primeira Guerra Mundial, estaria livre da perseguição nazista aos judeus, o que sabemos que não ocorreu.

Em seus escritos, em meados de 1940, Klemperer relatou sobre o confisco da casa deles e sua mudança para a Casa de Judeus na Caspar-David-Friedrich Strasse, a primeira que viriam a morar. Eram muitas as dificuldades nesse período, como a de encontrar alimentos. Havia escassez de muitos gêneros e somente Eva podia sair para comprar os mantimentos com os cartões de racionamento.

O casal retornou à casa quando a guerra terminou. Os dois tinham uma relação muito forte e Klemperer admirava a esposa por sua força, criatividade artística e modéstia. Ela morreu em 1951, vítima de um ataque cardíaco. Ele escreveu como se sentisse naquele momento: “meus sentimentos são puramente egoístas: o que será de mim? Estou totalmente só, tudo perdeu seu valor, de maneira infantilizada falta-me somente a coragem de segui-la. Mas essa coragem me falta totalmente”¹³ (OELSNER, 2002, p. 34). E também:

A maior perda são suas composições. Ninguém pode imaginar como ela era criativa. Ela se queixava de que tudo que ela criou foi destruído: suas composições, seus quadros... Sempre senti de forma opressiva que as grandes honras eram dirigidas para mim. Ela era 1000 vezes mais talentosa do que eu: música, pintora, filóloga. E ela era 1000 x mais corajosa, mais decente, menos interesseira, mais livre, mais independente, mais jeitosa e contrariamente a mim, nunca era invejosa, nem ambiciosa. Minha única paz de espírito é que eu sempre reconheci esses valores e sempre disse a ela 1000 vezes.¹⁴ (OELSNER, 2002, p. 34)

Após a morte de Eva, Victor se casou novamente, em 1952, com Hadwig Kirchner, que havia sido sua aluna.

As obras

Victor Klemperer foi um filólogo e professor universitário, ocupou a cátedra de letras latinas na Universidade Técnica em Dresden, até 1935. Ele produziu várias obras acerca da história da literatura francesa, como já mencionamos aqui, porém, diante da ascensão do regime nazista, foi destituído de seu cargo e obrigado a deixar de lado sua vida acadêmica. Seus diários serviram como um meio para mantê-lo ocupado e também para relatar o que estava vivendo.

O conjunto de sua obra autobiográfica faz parte do que se denomina literatura de testemunho, que tem no relato seu valor documental e histórico. Essa abrange os estudos sobre a *Shoah* e também o *testimonio* na América Latina. O conceito de testemunho ganhou um novo impulso com as pesquisas sobre a *Shoah*. Ele pode ser entendido tanto em termos jurídicos como históricos, no sentido de sobreviver, de ter

¹³ Ich habe rein egoistische Gefühle: Was wird aus mir? Ich bin ganz allein, alles hat für mich seinen Wert verloren, es fehlt mir kindischerweise nur der physische Mut ihr zu folgen, aben dieser Mut fehlt mir gänzlich.

¹⁴ E's größter Verlust: ihre Compositionen, ihre Bilder... Ich habe e simmer bedrücklich empfunden, dass die äußeren Ehren an mich gingen. Sie war 1000mal begabter als ich: Musikerin, Malerin, Philologin, u. sie war 1000 x tapferer, sittlicher, uneigennütziger, freier, selbständiger, geschickter als ich, u. sie war, im vollen Gegensatz zu mir, niemals neidisch u. niemals ehrgeizig. Meine einzige Gewissensberuhigung: ich habe das nie verkannt u. es ihr 1000 x gesagt.

passado por um evento singular, único. Para o historiador, o testemunho é uma fonte que deve ser utilizada com rigor, analisando e corrigindo suas falhas, típicas das recordações daqueles que vivenciaram experiências traumáticas (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 15).

Para essa literatura, a memória está ligada a um processo complexo e dialético, no qual recordar e esquecer compõem o mesmo lado da moeda: tratam-se, na verdade, de dois fatores dinâmicos e inseparáveis. Para aqueles que viveram a experiência do nazismo, e pior, a dos campos de concentração, não existe discurso que esgote a dor, nenhuma palavra pode descrever *Auschwitz*, não há explicação para a animalização do homem. É necessário escrever a história desse período, a catástrofe que foi a *Shoah* exige um trabalho criterioso de pesquisa e registro com base documental (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 15).

Na literatura de testemunho o que se testemunha é algo de excepcional e que exige um relato. O real, presente no relato, sempre é traumático e a história do trauma é a história de um choque violento (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 48). A experiência vivida não foi indizível, mas sim invivível. O trauma é uma ferida na memória, a incapacidade de um evento que vai além dos limites da nossa percepção (SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 49).

Assim sendo, tomamos por base seus diários do período nazista, ou seja, de 1933 a 1945. Neles, Klemperer escreveu diariamente seu cotidiano, ora expondo sentimentos e aflições, ora relatando percepções sobre o contexto à sua volta. Escrever tornou-se necessário, mencionou que “prestaria testemunho até o final”, o que de fato fez. Até mesmo diante da destruição de sua cidade, Dresden, ele conseguiu relatar minuciosamente e com riqueza de detalhes a tragédia que colocou fim ao nazismo. A singularidade de seus escritos, assim como as descrições precisas, só foi possível pelo fato de Klemperer ter permanecido na Alemanha. Também é importante mencionar que seus diários possuíam uma “guardiã secreta” no caso de eventuais visitas da Gestapo e da possibilidade de descoberta destes: Annemarie Köhler, médica e amiga de Klemperer, cuidou de seus escritos até o fim da guerra.

A barbárie nazista o afetou em todos os sentidos, mas, por vários motivos já discutidos aqui, Klemperer optou por permanecer na Alemanha. Viveu e relatou todos os casos de segregação, perseguição e até mesmo a violência propriamente dita à qual os judeus foram submetidos.

As Leis de Nuremberg, que já apresentamos aqui, proibiam os judeus de terem empregadas domésticas não-júdas em suas casas com menos de quarenta e cinco anos, além de cassar a cidadania de judeus. Segundo Fontette (1989, p. 90), “as penas infligidas aos infratores eram os trabalhos forçados ou a prisão; essas penas serão depois agravadas e o *Rassenschande* (crime contra a raça) punido de morte”.

Em abril de 1933, quando foi anunciado boicote aos estabelecimentos judeus, Klemperer escreveu o que podia ser observado em folhetos espalhados pelas ruas: “quem compra do judeu estimula o boicote internacional e destrói a economia alemã” (KLEMPERER, 1999, p. 19). Nas anotações dos diários de 1934, Klemperer citou que, no jornal *Der Stürmer*, distribuído nas ruas, era possível ler: “os judeus são nossa desgraça”, ou ainda: “quem conhece o judeu, conhece o demônio”¹⁵. Para os nazistas, o judeu era o inverso do ariano: “os antissemitas repetem-no há longo tempo, para que ninguém duvide. Quanto mais o judeu é humilhado, tanto mais o ariano se sente exaltado” (SORLIN, 1974, p. 89).

Uma das grandes humilhações para Klemperer, além da obrigatoriedade do uso da estrela fixada no paletó, foi a lei de adoção de prenomes judeus. Em meados de 1938, ele teve de comunicar ao cartório de Landsberg e Berlim que passava a se chamar Victor-Israel. No caso das mulheres judias, passaram a assinar Sara como prenome.

Os diários foram para ele seu equilíbrio mental e emocional, para não dizer que foram eles que o sustentaram também fisicamente. Com a saúde debilitada ao longo dos anos devido à alimentação que se tornou precária, Klemperer esteve depressivo durante estes anos e seu corpo também sentiu os efeitos do nazismo.

As restrições eram constantes. Ainda quando estavam na casa de judeus da Caspar-David-Friedrich-Strasse, todos os judeus dali receberam a ordem de entregar ao governo todo tipo de metal, zinco, níquel, chumbo e também qualquer espécie de luminária. Suas cotas de carne e pão branco haviam sido cortadas, pois, em meados de 1941, a Alemanha passava por problemas no setor alimentício.

Nas páginas seguintes, Klemperer anotou o caso de duas mulheres que foram enviadas ao campo de concentração e haviam sido assassinadas. Uma por esconder um peixe em sua geladeira e a outra por usar um bonde para ir ao médico quando só era

¹⁵ O *Der Stürmer* foi um semanário nazista publicado por Julius Streicher de 1923 até 1945. Fazia parte da propaganda nazista e antissemita da Alemanha e tornou-se conhecido pelas várias caricaturas “monstruosas” que faziam dos judeus.

permittedo usá-lo para ir ao trabalho. Elas foram então transportadas do campo de mulheres da região de Mecklenburg para Auschwitz, onde foram mortas.

Os alemães experimentaram uma “pequena” câmara de gás em Auschwitz, em 3 de setembro de 1941, matando cerca de 850 pessoas, entre elas seiscentos prisioneiros de guerra soviéticos, com Zyklon B (cianureto de hidrogênio). O assassinato sistemático de judeus com gás começou em Auschwitz-Birkenau em março de 1942 (GOLDHAGEN, 1999, p. 172)

É diante de todas essas dificuldades ao longo desses anos que sua companheira Eva vai se tornar seu ponto de equilíbrio. De fato, era Eva quem conseguia alimento para os dois. Ela também foi responsável pela entrega dos seus manuscritos à amiga e doutora Annemarie Köhler. Klemperer sempre demonstrou seu amor e carinho pela esposa em todo o diário.

Com o fim da guerra, Klemperer voltou a publicar suas obras e, em 1947, publicou sua *LTI – Lingua Tertii Imperii* em Berlim, com cerca de 318 mil exemplares vendidos na Alemanha. Um ano depois, tornou-se professor na Universidade Greifswald. Em 1951, recebeu o título de doutor em pedagogia na Escola Técnica Superior de Dresden, mesmo ano em que sua esposa Eva faleceu.

No ano de 1952, recebeu o Prêmio Nacional da República Democrática Alemã (RDA) para arte e literatura. Foi eleito para a Academia de Ciências da Alemanha em 1953 e, no ano seguinte, publicou o primeiro volume de *História da literatura francesa do século XVIII: o século de Voltaire*. Após seis anos de sua morte, foi publicado o segundo volume de *História da literatura francesa do século XVIII: o século de Rousseau*.

Em 1956 publicou o livro de artigos *Antes de 33 – após 45*. Recebeu, pela RDA, a Ordem de Prata de Reconhecimento da Pátria. Morreu em 11 de fevereiro de 1960, foi enterrado em Dölzchen e recebeu postumamente o prêmio F.C. Weiskopf da Academia de Artes de Berlim.

Os diários pós-guerra

De seus escritos desse período, declarou que se sentia mais isolado, porém estava feliz que a guerra tinha acabado. Soube que quase todos os moradores da casa de judeus em que tinham vivido foram mortos nos campos de concentração de Auschwitz e

de Theresienstadt¹⁶. Encontrou com alguns antigos conhecidos com alguma ascendência judaica que tinham presenciado o assassinato de seus entes queridos em Auschwitz (OELSNER, 2002, p. 36).

Quando o casal voltou para sua casa, percebeu que um *bunker* havia invadido parte dela. A remoção foi realizada pela administração da cidade na qual um grupo de voluntários participou. O período era de incertezas, principalmente no que se referia às questões políticas, tratava-se ainda do ano de 1945, a guerra havia terminado na Europa, apenas. Boatos diziam que os americanos poderiam chegar ali.

Felizmente, seu material escondido em Pirna, especialmente os diários, foram resgatados, quase dois meses após o seu retorno. Para Klemperer, era como se o passado se repetisse, uma espécie de *déjà vu* semelhante ao pós-primeira guerra. A cidade de Dresden permaneceu sob ocupação russa, bastante diferente da alemã. Os russos se empenhavam para que houvesse eleições democráticas. O casal conseguiu sua casa de Dölzchen de volta (OELSNER, 2002, p. 38).

Não sabia como ficaria a situação da Universidade Técnica, se voltaria ao seu antigo cargo de professor, quem iria administrar a instituição e por qual entidade seria mantida. No entanto, voltou a lecionar logo após o término da guerra, ainda em 1945, na People's High School. Porém, em seus escritos eram constantes as tentativas de trabalhar em alguma universidade. O autor tentou dar aulas em Leipzig, Jena, mas não conseguiu.

No início do ano de 1947, Eva foi submetida a uma cirurgia de remoção de dois tumores no seio, que, depois da biópsia, se revelaram benignos, mas que foram suficientes para deixá-la debilitada e por manter Klemperer muito abalado. Após um ano, Eva foi diagnosticada com uma doença coronária grave, provavelmente o que resultou no ataque cardíaco em 8 de julho de 1951.

O casal mudou-se para Greifswald, pois, finalmente, aos 66 anos de idade, Klemperer havia conseguido uma cadeira em uma universidade. Porém, o período que viveram em Greifswald causou muito sofrimento a ambos. Eva sofreu com bolhas na pele por causa de instalações de lavagem inadequadas e também devido a uma dieta pobre. Muitas pessoas faziam comentários descabidos, alguns até chegavam a tecer elogios à época de Hitler, dizendo com nostalgia que recebiam melhor tratamento, algo que o deixou muito perplexo.

¹⁶ Em cidades que não existiam guetos, foram criadas as *Judenhaus* ou Casa de Judeus, onde estes residiram durante o período nazista e tiveram suas antigas moradias confiscadas pelo Estado.

Chegou a redigir algumas notas sobre uma possível *LQI* (*Lingua quarti imperii* – Linguagem do quarto reich) em alusão ao domínio soviético em Dresden. Uma grande foto de Stálin no centro da cidade o remeteu a Hermann Goering. Qualquer semelhança com o passado seria mera coincidência?

Considerações finais

Conforme o que se apresentou aqui, pudemos conhecer um pouco da história de Victor Klemperer e ter contato com sua produção acadêmica ao longo de sua vida.

É fato que, por meio das biografias, pode-se compreender todo o contexto histórico do indivíduo biografado e, dessa forma, buscar uma análise mais aprofundada da realidade histórica. Para Loriga (1998, p. 226), os historiadores sociais, mostrando-se insatisfeitos com as categorias interpretativas estruturalistas, buscavam explicações em uma dimensão coletiva, e foram, aos poucos, refletindo sobre os destinos individuais. É, portanto, possível ver mais através de uma vida.

Diante do fascínio que a biografia tem despertado em diversos leitores, pode-se partir do pressuposto de que a sociedade passa por uma crise de identidade e que tentaria resgatá-la no passado e em seus personagens históricos (SCHMIDT, 1997, p. 16).

Da celebridade hollywoodiana até o sujeito comum, os biografados de hoje podem ser pesquisados como um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico (SCHMIDT, 1997, p. 16). Desde a década de 1960, um novo movimento teve início na busca do sujeito a ser biografado e é neste feixe que o homem comum tem seu valor. Ele não é o herói da Antiguidade, tampouco é um santo da hagiografia medieval: demonstra suas fraquezas, vícios e virtudes perante o mundo em que vive.

Victor Klemperer nos revelou seu heroísmo ao relatar, de modo tão preciso e singular, a barbaridade do nazismo. Nesse sentido, seus diários tornam-se documentos importantes para uma análise histórica do período. Uma testemunha ocular dos fatos, que sentia necessidade de escrever e assim fazia.

Klemperer viu de perto a política nazista segregando e perseguindo muitas pessoas, teve suas principais funções aniquiladas aos poucos. De repente, viu-se destituído de sua cátedra da universidade, pouco depois não conseguia publicar nenhum texto; por fim, até a máquina de escrever lhe tiraram. A biblioteca também foi proibida

aos judeus, o que complicou ainda mais seus estudos. A necessidade de escrever seus diários tornou-se, então, sobrevivência, dignidade.

Os diários de Klemperer são fontes importantes para quem deseja conhecer a Alemanha durante o período nazista. Conhecendo Klemperer, o leitor poderá também imaginar o panorama político-social da época, assim como todo o sofrimento inculido aos judeus e outros grupos.

Por meio de seus escritos cotidianos, o historiador tem em mãos uma fonte preciosa de informações sobre a sociedade e a política alemã durante o nazismo. É possível compreender as relações entre os grupos, a política antissemita do governo, assim como as perseguições inculdidas aos judeus e outros grupos. Percebe-se, então, a interligação entre o indivíduo estudado e o todo maior, ou seja, a sociedade alemã, um conjunto de fatos relacionados entre si, possíveis de serem compreendidos através da análise biográfica.

Assim sendo, este breve artigo teve em vista contribuir com a historiografia e também com a pesquisa acerca do gênero biográfico, abrindo espaço para novos debates e discussões a fim de enriquecer esta área de conhecimento e produzir material pertinente sobre a temática. A biografia histórica tem muito a oferecer a leigos e a estudiosos e é do interesse de muitas pessoas. Afinal, quem não gosta de ler uma boa biografia?

Referências

ARON, Irene. *O Rio de Janeiro de 1925*, sob o olhar de Victor Klemperer. *Pandaemonium Germanicum*. São Paulo, n. 2, p. 35-45, nov/1998.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J; FERREIRA, M.M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006.

DANZIGER, Leila. *Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes*. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, out/2007.

DOSSE, François. *O desafio biográfico*. Escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FONTETTE, F. *História do Anti-Semitismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1989.

GOLDHAGEN, D. *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto*. São Paulo. Cia. Das Letras, 1999.

KLEMPERER, Victor. *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

_____. *Curriculum Vitae*. Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 1996.

_____. *Os diários de Victor Klemperer: Testemunho Clandestino de um Judeu na Alemanha Nazista 1933-1945*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *The diaries of Victor Klemperer 1945-1959: The lesser evil*. Londres: Phoenix, 2003.

LEVILLAIN, P. Os protagonistas: da biografia. In: REMOND, R. e outros (org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

LORIGA, S. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1998.

OELSNER, Miriam Bettina Paulina. *A linguagem como instrumento de dominação. Victor Klemperer e sua obra LTI – Lingua Tertii Imperii*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2002.

REES, L. *O Holocausto. Uma nova história*. São Paulo: Vestígio, 2018.

SCHMIDT, Benito. Construindo biografias. Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 3-21, 1997.

_____. *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

_____. *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

SORLIN, Pierre. *O anti-semitismo alemão*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

Artigo recebido em 27 de fevereiro de 2020. Aprovado em 02 de maio de 2020.